

Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida

Valdiney Veloso Gouveia

*Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, PB, Brasil*

Taciano Lemos Milfont

*Victoria University of Wellington
Wellington, Nova Zelândia*

Ana Karla Silva Soares

Palloma Rodrigues de Andrade

*Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, PB, Brasil*

Iani Lauer Leite

*Universidade Federal do Oeste do Pará
Santarém, PA, Brasil*

RESUMO

Este estudo teve como objetivo adaptar o Questionário dos Valores Básicos, versão infantil (QVB-I), reunindo evidências de sua adequação psicométrica (validade fatorial e consistência interna). Tomou-se como referência a teoria funcionalista dos valores humanos, identificando suas subfunções valorativas com três valores específicos cada uma. Os participantes foram 202 estudantes de escolas públicas e privadas de João Pessoa (PB), com idade média de 11,7 anos, a maioria do sexo feminino (54,5%) e católica (51%). Estes responderam o QVB-I e perguntas demográficas. Os resultados deram suporte para as seis subfunções (hipótese de conteúdo), organizadas em um espaço bidimensional com três tipos de orientação (pessoal, central e social) e dois tipos de motivadores (materialista e idealista) (hipótese de estrutura). Múltiplos indicadores de consistência interna endossaram evidências deste parâmetro do QVB-I. Concluiu-se que este é um instrumento psicometricamente adequado, que poderá ser usado em pesquisas futuras para estudar os valores infantis.

Palavras-chave: valores; funções; infância; medida; validade.

ABSTRACT

Knowing the values in childhood: Psychometric evidences of a measure

The aim of this study was to adapt the children version of the Basic Value Survey (BVS-C), providing evidences of its psychometric properties (factorial validity and internal consistency). The functional theory of values was taken into account, identifying six value subfunctions with three specific values each. Participants were 202 students of public and private schools from João Pessoa (PB, Brazil), with mean age of 11.7 years, most of them female (54.5%) and catholic (51%). They answered the BVS-C and demographic questions. Results supported the six subfunctions of values (content hypothesis), organized in a bidimensional space with three types of goal orientation (personal, central, and social), and two types of need motivator (materialist and idealist) (structure hypothesis). Multiple indicators of internal consistency provided evidences for the psychometric properties of the BVS-C. In conclusion, this is a psychometrically adequate instrument, which could be used in future research to study childhood values.

Keywords: values; functions; children; measure; validity.

RESUMEN

Conociendo los valores en la infancia: Evidencias psicométricas de una medida

El objetivo de este estudio fue adaptar el Cuestionario de los Valores Básicos, versión para infantes (CVB-I), reuniendo evidencias de sus propiedades psicométricas (validez factorial y fiabilidad). Se ha tenido en cuenta la teoría funcionalista de los valores humanos, identificando sus subfunciones valorativas con tres valores específicos cada una. Participaron 202 estudiantes de escuelas públicas y privadas de Joao Pessoa (PB), con promedio de edad de 11.7 años, la mayoría mujeres (54.5%) y católicas (51%). Todos contestaron el CVB-I y preguntas demográficas. Los resultados apoyaron las seis subfunciones (hipótesis de contenido), organizadas en un espacio bidimensional con tres tipos de orientación (personal, central y social) y dos tipos de motivador (materialista e idealista) (hipótesis de estructura). Múltiples indicadores de fiabilidad apoyaron esta característica psicométrica del CVB-I. Se ha concluido que este es un instrumento psicométricamente adecuado, que puede ser utilizado en investigaciones futuras para estudiar los valores infantiles.

Palabras clave: valores; funciones; infancia; medida; validez.

INTRODUÇÃO

O termo *valores humanos* compreende uma expressão comumente empregada no cotidiano, estando bastante presente no discurso de educadores, políticos, religiosos etc. Fala-se em crise de valores, mudanças de valores, novos valores, contravalores e um grande número de outros derivados, mas sem uma concepção clara acerca do que, de fato, são os valores. Mesmo entre pesquisadores há alguma confusão quando os valores são empregados em substituição a diversos construtos, a exemplo de atitudes, traços de personalidade, interesses, motivos e necessidades (Rokeach, 1973). Neste sentido, considerando a importância dos valores para explicar diversos comportamentos e atitudes (Gouveia, Fonsêca, Milfont e Fischer, no prelo; Ros, 2006), parece justificável todo esforço dirigido a elaborar teorias e medidas que os tratem como um construto legítimo, diferente de seus correlatos.

Existem diversas teorias sobre os valores. Provavelmente as mais conhecidas sejam as de Ronald Inglehart e Shalom H. Schwartz, esta última mais relacionada com o modelo de Milton Rokeach. Inglehart (1991) propõe uma dimensão cultural dos valores, representada por dois polos: materialismo e pós-materialismo. Ele sugere que seja possível classificar os países segundo suas pontuações em um ou outro polo. Mais recentemente, Inglehart modificou os termos para esta dimensão cultural (valores de sobrevivência e auto-expressão) e incluiu outra dimensão (valores de tradição e secular-rationais) (Inglehart e Baker, 2000). Por outro lado, Schwartz (2005) propõe dez tipos motivacionais de valores, que podem ser divididos em individualistas (autodireção, estimulação, hedonismo, poder e realização), coletivistas (benevolência, conformidade e tradição) e mistos (segurança e universalismo). Sua proposta é descrever as pessoas não segundo seus valores específicos, mas suas pontuações nestes tipos motivacionais.

Não restam dúvidas acerca das contribuições importantes destes autores. Ambos compartilham a concepção de que existe uma base motivacional dos valores, que estes são construtos legítimos, devendo ser tratados com independência dos demais, e que podem ser empiricamente medidos. A propósito, eles também têm focado sua atenção para um público específico: adultos. Enquanto Inglehart (1991) considera os valores como expressando uma dimensão bipolar cultural, Schwartz (2005) entende que os valores podem ser representados em um espaço bidimensional dividido em dez tipos motivacionais que refletem valores individuais. Mas, qual a base teórica para o

desenvolvimento de seus respectivos modelos? Como foi possível chegar a suas dimensões? Enquanto parece evidente que o primeiro autor tomou como referência a classificação maslowiana das necessidades (Maslow, 1954), não fica claro o embasamento teórico do segundo (Molpeceres, 1994).

Além do anteriormente comentado, preocupa o fato de Inglehart (1991) e Schwartz (2005) não terem dado atenção aos valores na infância (Andrade, Camino e Dias, 2008). Suas amostras são, predominantemente, de adultos, com alguns grupos escassos de adolescentes. Não obstante, se é certo que os valores se formam já na primeira década de vida (Porfeli, 2007; Rokeach, 1973), tendo repercussão sobre comportamentos de ajustamento social dos jovens (Santos, 2008), parece crucial conhecê-los nesta fase de desenvolvimento. Nesta direção, um autor que deu contribuições interessantes foi Melvin Kohn, quem buscou conhecer a transmissão de valores de pais para filhos, propondo um modelo com dois fatores de valores: *autodireção* e *conformidade* (Kohn, 1977). Porém, as evidências a respeito são escassas em outros contextos culturais.

Considerando o que se descreveu até aqui, parece justificável pensar em uma medida específica para os valores na infância, partindo de um modelo teórico cujas evidências tenham sido demonstradas no contexto brasileiro. Neste caso, decidiu-se ter em conta a *teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia, 2003; Gouveia et al., no prelo, 2010; Gouveia Milfont, Fischer e Santos, 2008). Não se trata de aplicar em infantes o instrumento usado com adultos, mas, partindo do marco teórico correspondente, operacionalizar as subfunções valorativas, desenvolver um instrumento específico para crianças e, posteriormente, comprovar as hipóteses de conteúdo (seis subfunções explicando os valores específicos) e estrutura (organização das subfunções segundo os tipos de orientação e motivador).

TEORIA FUNCIONALISTA DOS VALORES HUMANOS

Esta teoria compreende um modelo alternativo aos de Ronald Inglehart e Shalom H. Schwartz, sendo integrador e parcimonioso (Gouveia et al., 2008). Considera as funções dos valores, que têm sido escassamente tratadas na literatura (Allen, Ng e Wilson, 2002). De fato, quando as funções valorativas são mencionadas, são comumente gerais e secundárias, aplicáveis a todos os valores (por exemplo, justificação, expressão de personalidade; Rokeach, 1973), não podendo ser empregadas para a diferenciação dos valores. Contrariamente, no presente modelo duas das mais importantes funções primárias dos valores são

consideradas, indicadas por sua recorrência em outros modelos. Especificamente, consideram-se as seguintes funções primárias dos valores humanos (Gouveia et al., 2010): *tipo de orientação* (os valores servem como padrões que guiam os comportamentos) e *tipo de motivador* (os valores representam as necessidades). Deste modo, as funções dos valores são definidas como os aspectos psicológicos que os valores cumprem ao guiar os comportamentos e representar cognitivamente as necessidades.

A função *tipo de orientação* indica o critério ou princípio prevalente na definição do comportamento, isto é, a unidade principal de sobrevivência. Expressa a meta subjacente ao comportamento, que tem sido classificada na literatura como pessoal (o indivíduo por ele mesmo) ou social (o indivíduo na comunidade) (Rokeach, 1973; Schwartz, 2005). Porém, existe um terceiro tipo de orientação, que não é puramente pessoal ou social, definido por Schwartz (2005) como valores mistos, correspondendo aos seus tipos motivacionais *segurança* e *universalismo*. Entretanto, este autor não explica a razão de estes valores se localizarem praticamente entre os pessoais e sociais. Contrariamente, na teoria funcionalista tais valores são definidos como *centrais*, justificando-se por expressarem propósitos gerais da vida, como indicados por necessidades básicas (por exemplo, sobrevivência) e necessidades mais gerais (por exemplo, autorrealização). Portanto, esta função corresponde a uma dimensão valorativa formada por três tipos de orientação: *pessoal*, *central* e *social*.

A função *tipo de motivador* expressa o nível de necessidades que os valores cognitivamente representam (Braithwaite, Makkai e Pittelkow, 1996; Inglehart, 1991). Apesar de não existir uma correspondência absoluta entre valores e necessidades, podem-se identificar os valores segundo o tipo de necessidade que eles representam (Inglehart, 1991). Estima-se que todos os valores possam ser classificados como

materialistas/pragmáticos ou *idealistas/abstratos*. Os valores materialistas põem ênfase em coisas práticas, implicando uma orientação para metas e regras normativas; as pessoas guiadas por tais valores pensam em termos mais biológicos de sobrevivência, importando-se mais com sua própria existência e as condições em que ela possa ser assegurada. Por outro lado, os valores idealistas destacam uma orientação mais abstrata, universal, favorecendo um espírito inovador e uma mente aberta, com menor dependência de bens materiais; as pessoas são consideradas iguais umas às outras, sendo as relações interpessoais apreciadas como uma meta em si. Neste sentido, esta função corresponde ao nível de necessidade expressa por meio dos dois tipos de valores: *materialistas* (a vida sendo pensada como uma fonte de ameaças) e *idealistas* (a vida definida como uma fonte de oportunidades) (Welzel e Inglehart, 2010).

Em resumo, conforme a Figura 1, as duas funções valorativas formam dois eixos a partir dos quais os valores são organizados estruturalmente: *tipo de orientação* (valores sociais, centrais e pessoais) e *tipo de motivador* (valores materialistas e idealistas). A combinação destes eixos permite derivar seis subfunções específicas dos valores, descritas a seguir (Gouveia et al., no prelo, 2008, 2010):

- *Experimentação*. Esta subfunção representa o tipo de motivador idealista, com orientação pessoal, representando a necessidade de excitação ou princípio do prazer. Seus valores contribuem para promover mudanças e inovações em organizações sociais.
- *Realização*. Representa a necessidade de autoestima, que compreende um motivador materialista, com orientação pessoal. Os valores desta subfunção focam em realizações materiais e a praticidade em decisões e comportamentos. A hierarquia é encorajada, sobretudo quando definida em função da capacidade demonstrada por cada um.

		Valores como padrão-guia de comportamentos		
		Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)	Metas centrais (o propósito geral da vida)	Metas sociais (o indivíduo na comunidade)
Valores como expressão de necessidades	Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)	Experimentação Emoção Estimulação Prazer	Suprapessoal Artes Conhecimento Igualdade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Figura 1 – Funções, subfunções e valores específicos.

- *Existência*. Representa as necessidades fisiológicas mais básicas (por exemplo, comer, beber, sobrevivência) e de segurança. É compatível com as orientações sociais e pessoais e com o motivador materialista; o propósito principal desta subfunção é assegurar as condições básicas para a sobrevivência biológica e psicológica do indivíduo.
- *Suprapessoal*. Esta subfunção apresenta orientação central e motivador idealista. Seus valores representam as necessidades estéticas e de cognição, bem como a necessidade superior de autorrealização. Promove-se uma visão mais universalista do mundo, sem apego a coisas materiais.
- *Interativa*. Possui orientação social e motivador idealista. Representa as necessidades de pertença, amor e afiliação, enfocando em manter as relações interpessoais do indivíduo. Pessoas guiadas por esta subfunção dão importância aos demais, principalmente aqueles do seu convívio, compartilhando afetos, prazeres e desprazeres.

Mesmo existindo versões de instrumentos da *teoria funcionalista* que permitem apreender as subfunções valorativas (Gouveia, 1998, 2003), elas foram desenvolvidas para populações de adolescentes e adultos. Por exemplo, para representar a subfunção *experimentação* são incluídos valores que não fazem parte do cotidiano das crianças (por exemplo, *Sexualidade*. Ter relações sexuais; obter prazer sexual). Desta forma, convém pensar em valores específicos ou formas de operacionalizá-los de acordo com esta teoria. Este esforço se justifica em virtude da importância do construto valores (Ros, 2006) e sua socialização na infância (Rokeach, 1973). Contudo, pouco se sabe ainda sobre os valores nesta fase de desenvolvimento.

VALORES HUMANOS EM CRIANÇAS: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS E MEDIDAS

Apesar de o interesse nessa população não ter recebido destaque nesta temática, identificam-se alguns estudos relacionando os valores com outras variáveis entre infantes. Neste aspecto, parte-se da consideração de que a família é a estrutura na qual a criança estabelece as primeiras trocas na constituição de seus valores, crenças, práticas e contato com a cultura, enfocando-se, portanto, esta estrutura familiar (Knafo, 2003) ou variáveis de desenvolvimento (Andrade et al., 2008). Kohn (1977) analisou a influência de fatores socioeconômicos e contextuais nos valores, indicando que os pais geralmente almejam para seus filhos coisas positivas, a exemplo de felicidade e sucesso escolar. Este autor sugere ainda que a ênfase em determinados valores está associada com o tipo de formação e trabalho

que os pais possuem. Pais que exercem trabalhos rudimentares e não contam com curso superior estão mais propensos a desejar que seus filhos obedeçam às regras e se conformem com padrões externos da sociedade, enquanto que pais que ocupam cargos mais importantes e possuem curso superior apreciam que seus filhos se comportem de forma autodirigida.

Embora existam estudos sobre valores em crianças e adolescentes, estes têm considerado medidas elaboradas para adultos, isto é, valores dos pais (Knafo, Daniel e Khoury-Kassabri, 2008; Moraes, Camino, Costa, Camino e Cruz, 2007). Neste contexto, Bubeck e Bilsky (2004) aplicaram o *PVQ-29 (Portrait Value Questionnaire)*, com 29 itens a 601 crianças de 10 a 12 anos alemãs. Seus resultados não apoiaram a estrutura teórica de Schwartz. Por exemplo, o *universalismo* não foi identificado, e os seguintes tipos foram misturados: *tradição e conformidade, realização e poder, e hedonismo, estimulação e autodireção*. Döring (no prelo) empregou a versão deste instrumento com 21 itens, aplicando-o a 191 crianças do mesmo país, onde os resultados sugeriram unir os tipos motivacionais *estimulação e hedonismo*, por um lado, e *poder e realização*, por outro; no caso, pareceu mais evidente assumir as dimensões de ordem superior que o modelo de Schwartz admite: *conversadorismo – abertura à mudança e autopromoção – autotranscendência*.

Um dos fatores que podem restringir os estudos nestas etapas da vida corresponde à dificuldade de identificar instrumentos psicometricamente adequados para medir os valores destes jovens. Provavelmente, uma das primeiras tentativas de elaborar uma medida a respeito no país tenha sido feita por Andrade (2002). Seu foco não foi psicométrico, mas conhecer os correlatos valorativos da preferência por desenhos animados, contando com a participação de 327 crianças entre 10 e 12 anos, as quais responderam uma versão modificada do *Questionário dos Valores Básicos* (Gouveia, 1998), constituída por 18 valores, três para cada subfunção. Os resultados da análise de *escalonamento multidimensional (MDS)* exploratório foram satisfatórios ($S\text{-Stress}=0,24$ e $RSQ=0,64$), identificando-se uma estrutura próxima àquela proposta por Gouveia (1998, 2003).

Recentemente, Döring (2008) desenvolveu um instrumento especificamente voltado à população infantil no contexto alemão, tomando como referência a tipologia dos tipos motivacionais de valores (Schwartz, 2005). Seu instrumento se compõe de 20 itens, combinando frases e desenhos, representando os dez tipos motivacionais propostos por este autor. As evidências de sua validade foram reunidas a partir de uma amostra com 175 crianças. Os resultados, entretanto,

não corroboraram a estrutura proposta por Schwartz, sendo mais evidente a identificação das dimensões de ordem superior deste modelo teórico (*autopromoção – autotranscendência e conservadorismo – abertura à mudança*). No Brasil, fez-se uma tentativa de adaptar o instrumento desta autora. Concretamente, Monteiro (2008) o aplicou em 63 crianças de Brasília, concluindo haver necessidade de proceder a avaliações específicas com o público infantil neste país acerca das ilustrações utilizadas. Segundo esta autora, as características da cultura na qual o instrumento foi desenvolvido podem influenciar a compreensão dos desenhos por parte das crianças, sugerindo a inadequação de alguns estímulos (itens, desenhos) apresentados.

Um estudo sobre os correlatos valorativos do significado do dinheiro para crianças utilizou dois instrumentos (Lauer-Leite, 2009): o *Questionário de Perfis de Valores (PVQ-21)*; Porto, 2005) e o *Questionário dos Valores Básicos*, versão infantil (*QVB-I*; Andrade, 2002). Participaram 1.445 crianças com idades de 9 a 14 anos de quatro capitais (Belém, João Pessoa, Manaus e Salvador). Seus resultados evidenciaram que o *PVQ-21* não apreendeu os dez tipos motivacionais teorizados por Schwartz (2005), sendo mais adequado para expressar as dimensões de ordem superior listadas anteriormente. Por outro lado, o *QVB-I* conseguiu operacionalizar adequadamente as seis subfunções valorativas propostas por Gouveia e seus colaboradores (Gouveia et al., no prelo, 2008, 2010). Entretanto, os fatores de ambos os instrumentos apresentaram consistência interna baixa, justificada em razão do número reduzido de itens que apresentam (2 ou 3 por fator) e natureza das amostras, formadas por crianças, cujas respostas podem variar substancialmente (Gouveia, Santos e Milfont, 2009).

Em resumo, os estudos dos valores humanos infantis são escassos, principalmente no que se refere à elaboração ou adaptação de instrumentos para sua mensuração. Alguns dos instrumentos têm sido dirigidos ao público adulto (Bubeck e Bilksy, 2004; Porto, 2005) ou se mostrado deficientes em relação ao que propõe a teoria em que se fundamentam (Döring, 2008). Considerando as modificações do *QVB* (Gouveia, 1998, 2003), com a elaboração de uma versão preliminar para uso em crianças (Andrade, 2002), decidiu-se adaptá-la, levando a cabo a comprovação de duas hipóteses principais acerca do modelo teórico considerado: seis subfunções representadas por três valores específicos para cada uma (*hipótese de conteúdo*) e organização dos valores em um espaço capaz de identificar os valores centrais entre os pessoais e sociais, localizados em lados opostos, e os valores materialistas e idealistas presentes em diferentes regiões espaciais (*hipótese de estrutura*).

MÉTODOS

Participantes

Contou-se com a participação de 202 estudantes de João Pessoa (PB), com idade média de 11,7 anos ($dp=0,49$; amplitude de 10 a 12 anos), a maioria do sexo feminino (54,5%) e de escolas públicas (54,5%). No que diz respeito à religião, a maioria se declarou católica (51%), considerando-se com um nível de religiosidade acima do ponto mediano da escala de resposta ($m=2,7$; $dp=1,30$; 0=*Nada religioso* e 4=*Muito religioso*). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não-probabilística), buscando diversificar os participantes em virtude dos estabelecimentos de ensino (público/privado).

Instrumentos

Os participantes responderam perguntas demográficas (sexo, idade e grau de escolaridade) e o *Questionário dos Valores Básicos – Infantil (QVB-I)*. Compreende um instrumento tipo lápis e papel, de auto-informe, que tomou como referência a medida usada por Andrade (2002), que foi criada a partir daquela elaborada para adultos por Gouveia (1998, 2003). A versão atual se compõe de 18 itens (por exemplo, **Saúde**. *Não ficar doente; estar sempre animado(a), com vontade de brincar; e evitar fazer coisas que prejudiquem a saúde*; **Artes**. *Ir a exposições de quadros e esculturas; ouvir música, ir ao teatro ou ao cinema; e aprender a desenhar e pintar*), três para cada uma das subfunções. Os participantes devem indicar a importância que cada valor tem em sua vida, de acordo com escala de cinco pontos, representados por feições de bonecos e números, variando de 1 (*Nenhuma importância*) a 5 (*Máxima importância*). Os valores *justiça social, vencer, honestidade e autodireção*, presentes no instrumento de Andrade (2002), foram substituídos por *igualdade, êxito, afetividade e prestígio*, respectivamente. O leitor interessado poderá obter uma cópia do *QVB-I* escrevendo para o primeiro autor deste artigo.

Procedimento

Inicialmente, contataram-se os diretores das instituições de ensino, procurando obter permissão para aplicação dos questionários. Explicaram-se os objetivos da pesquisa e, após consentimento e assinatura de termo de consentimento, responsabilizando-se para participação dos estudantes, combinou-se o melhor horário para realização da coleta de dados. A aplicação foi efetuada por dois colaboradores devidamente treinados. Embora a aplicação tenha sido realizada em ambiente coletivo de sala de aula, a participação

foi individual. Enfatizou-se o caráter voluntário e a garantia do anonimato e sigilo da participação. Foram necessários, em média, 30 minutos para concluir esta atividade.

Análise dos dados

Empregaram-se os programas *PASW* e *AMOS* (versões 18) para análise dos dados. O primeiro permitiu calcular estatísticas descritivas, consistência interna das subfunções valorativas e o escalonamento multidimensional (MDS) confirmatório (algoritmo PROXSCAL). Os valores foram inicialmente transformados em pontuações z antes de criar a matriz de distância entre eles. Posteriormente, a organização espacial dos valores foi definida de acordo com a teoria em pauta, com as subfunções assumindo os seguintes parâmetros para a dimensão *tipo de orientação*: experimentação [1,0], realização [1,0], existência [0,0], suprapessoal [0,0], interativa [-1,0] e normativa [-1,0]; no caso da dimensão *tipo de motivador*, os parâmetros assumidos pelas subfunções foram: experimentação [0,5], realização [-0,5], existência [-1,0], suprapessoal [1,0], interativa [0,5] e normativa [-0,5]. Neste sentido, cada valor foi forçado a ocupar uma posição específica no espaço. Assumiu-se o nível ordinal de medida, permitindo *break ties*. O coeficiente Phi de Tucker foi utilizado como medida de ajuste do modelo, aceitando-se valores de 0,90 ou superiores (van de Vijver e Leung, 1997).

O *AMOS* foi empregado para realizar as análises fatoriais confirmatórias, testando os diferentes modelos em relação aos seis fatores estimados pela teoria funcionalista. Considerou-se a matriz de covariância como entrada, adotando o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Os seguintes indicadores de ajuste foram considerados (Byrne, 2001):

- O χ^2 (*qui-quadrado*). Testa a probabilidade de o modelo se ajustar aos dados; quanto maior este valor pior será o ajuste. Este indicador tem sido menos considerado, preferindo-se sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l$). Valores entre 2 e 3 indicam um modelo adequado, admitindo-se até 5.
- O *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) são indicadores de ajuste que refletem a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Seus valores variam de 0 a 1, sendo recomendáveis aqueles de 0,90 ou superiores.
- O *Comparative Fit Index* (CFI) é um índice comparativo, adicional, de ajuste ao modelo, com valores mais próximos de 1 expressando melhor ajuste. Admitem-se, comumente, valores próximos a 0,90 como referência de um modelo ajustado.

- A *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) e seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), baseia-se nos residuais; valores altos são indicação de um modelo não ajustado. Portanto, valores próximos a 0,05 são recomendáveis, admitindo-se até 0,10.

Com o propósito de comparar os modelos alternativos em relação ao proposto pela teoria, empregaram-se o teste da diferença entre os qui-quadrados (χ^2) e graus de liberdade (gl) dos modelos respectivos [$\Delta\chi^2(gl)$], penalizando aquele com maior χ^2 , e o expected cross-validation index (ECVI). Neste caso, o modelo mais ajustado apresenta valor menor de ECVI.

RESULTADOS

Estatísticas descritivas e indicadores de consistência interna das subfunções

Procurou-se calcular a pontuação total média para cada uma das subfunções, como seguem em ordem decrescente: *existência* ($m=4,6$, $dp=0,62$), *interativa* ($m=4,4$, $dp=0,74$), *normativa* ($m=4,3$, $dp=0,74$), *realização* ($m=4,2$, $dp=0,88$), *experimentação* ($m=4,2$, $dp=0,70$) e *suprapessoal* ($m=4,1$, $dp=0,78$) [Lambda de Wilks=0,34; $F(5, 197)=76,23$, $p<0,001$].

Quanto aos indicadores de consistência interna, calcularam-se Alfa de Cronbach (α), confiabilidade composta (C_c) e homogeneidade (correlação média inter-itens, $r_{m.i}$) para cada subfunção com os seguintes coeficientes: *experimentação* [$\alpha=0,55$, $C_c=0,68$ e $r_{m.i}=0,29$, amplitude de 0,22 (emoção e prazer) a 0,35 (emoção e estimulação)], *realização* [$\alpha=0,52$, $C_c=0,65$ e $r_{m.i}=0,26$, amplitude de 0,16 (poder e prestígio) a 0,39 (êxito e poder)], *existência* [$\alpha=0,62$, $C_c=0,70$ e $r_{m.i}=0,36$, amplitude de 0,30 (saúde e sobrevivência) a 0,48 (estabilidade e sobrevivência)], *suprapessoal* [$\alpha=0,51$, $C_c=0,67$ e $r_{m.i}=0,26$, amplitude de 0,21 (conhecimento e igualdade) a 0,35 (artes e conhecimento)], *interativa* [$\alpha=0,72$, $C_c=0,76$ e $r_{m.i}=0,47$, amplitude de 0,44 (afetividade e apoio social) a 0,50 (afetividade e convivência)] e *normativa* [$\alpha=0,61$, $C_c=0,72$ e $r_{m.i}=0,37$, amplitude de 0,29 (obediência e religiosidade) a 0,42 (obediência e tradição)]. Todas as correlações inter-itens foram significativas ($p<0,05$).

Testando a hipótese de conteúdo

Esta hipótese prediz que os 18 valores específicos do *QVB-I* são distribuídos nas seis subfunções. Portanto, com o propósito de testá-la, definiram-se os valores que teoricamente pertenciam a cada subfunção. Todas as saturações (lambdas) foram estatisticamente diferentes

de zero ($\lambda \neq 0$; $3,94 \leq z \leq 8,20$, $p < 0,001$), variando de 0,37 (prestígio) a 0,73 (convivência), com valor médio de 0,58. Os indicadores de ajuste do modelo se mostraram de meritórios a aceitáveis [por exemplo, $\chi^2/g.l.=2,43$, $RMSEA=0,087$; demais indicadores na Tabela 1]. A *variância média extraída* (VME ; Fornell e Larcker, 1981) corrobora a adequação de cada uma das seis subfunções: *interativa* (0,69), *existência* (0,61), *normativa* (0,61), *experimentação* (0,54), *realização* (0,53) e *suprapessoal* (0,51).

Mas esta hipótese também sugere que o modelo com seis fatores seja mais adequado do que soluções alternativas plausíveis: (1) modelo *unifatorial*, com todos os itens saturando em um único fator, justificando-se em razão da desejabilidade social inerente aos valores; (2) modelo *bifatorial*, reunindo os valores *materialistas*, por um lado, e os *idealistas*, por outro; (3) modelo *trifatorial*, com os valores sendo agrupados em pessoais, centrais e sociais. Estes dois modelos parecem reproduzir aqueles propostos por Inglehart (1991) e Schwartz (2005), respectivamente; e (4) modelo *pentafatorial*, não diferenciando os valores de *existência* e *suprapessoais*, que são congruentes com todos os demais. Estes quatro modelos alternativos foram comparados em relação ao admitido pela teoria que embasa o *QVB-I* (Tabela 1).

De acordo com esta tabela, quando o modelo hexafatorial é comparado ($ECVI$ e $\Delta\chi^2$) com os demais, ele se mostra superior a todos, com exceção do modelo com cinco fatores (reunindo as subfunções *existência* e *suprapessoal*). Contudo, apesar de os modelos com cinco e seis fatores não diferirem estatisticamente, os indicadores de ajuste para este último são, no geral, ligeiramente melhores, aproximando-se daqueles que têm sido recomendados na literatura. Teoricamente, este modelo é congruente, mas também se faz

plausível na prática. Por exemplo, como anteriormente observado, as subfunções *existência* e *suprapessoal* apresentam evidências de *validade de construto* ($C_c \geq 0,60$ e $VME \geq 0,50$), sendo que as crianças pontuam estatisticamente mais na primeira do que na segunda subfunção.

Testando a hipótese de estrutura

Conforme indicado previamente, esta hipótese descreve a organização espacial dos valores. No caso da dimensão funcional *tipo de orientação*, os valores denominados pessoais e sociais se apresentam em lados opostos, e entre eles aparecem os centrais, por serem coerentes com ambos. Em se tratando da dimensão *tipo de motivador*, prevê-se que os valores *materialistas* e *idealistas* se localizam em espaços diferentes. Os resultados da *MDS* confirmatória são mostrados na Figura 2.

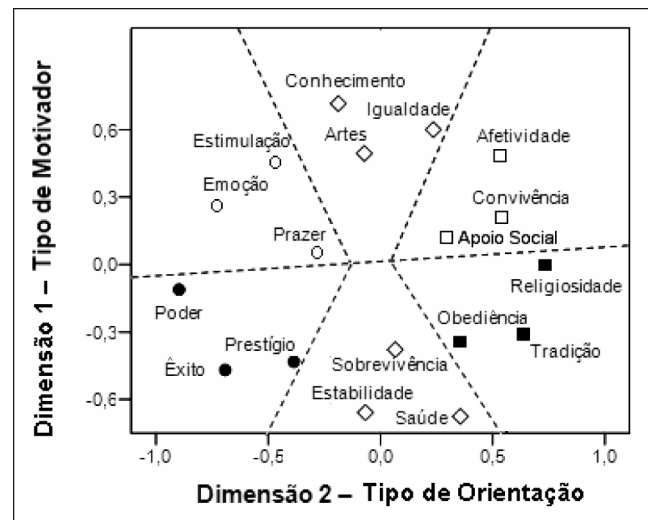


Figura 2 – Representação espacial dos valores básicos.

TABELA 1
Indicadores de ajuste dos modelos do *QVB-I*.

Modelos	χ^2 (gl)	χ^2/gl	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (IC 90%)	ECVI	$\Delta\chi^2$ (gl)
Seis fatores	291,43 (120)	2,43	0,87	0,81	0,81	0,084 (0,072-0,097)	1,957 (1,727-2,226)	-
Um fator	383,59 (135)	2,84	0,81	0,76	0,72	0,096 (0,085-0,107)	2,217 (1,994-2,577)	92,16 (15)*
Dois fatores	371,66 (134)	2,77	0,82	0,76	0,73	0,094 (0,083-0,105)	2,217 (1,950-2,522)	80,23 (14)*
Três fatores	342,74 (132)	2,60	0,84	0,79	0,76	0,089 (0,078-0,101)	2,093 (1,840-2,385)	51,31 (12)*
Cinco fatores	302,42 (125)	2,42	0,86	0,81	0,80	0,084 (0,072-0,096)	1,962 (1,728-2,235)	10,99 (5)

N=202; χ^2 =chi-quadrado; gl=graus de liberdade; GFI=goodness-of-fit index; AGFI=adjusted goodness-of-Fit Index; CFI=comparative fit index; RMSEA=root-mean-square error of approximation; C190%=intervalos de confiança de 90%; ECVI=expected cross-valid index; * $p < 0,001$.

Coerentemente, percebe-se que os valores se organizam conforme o esperado. É possível nesta figura identificar com clareza os valores pertencentes a cada uma das seis subfunções, e estas se estruturam em razão das dimensões *tipo de orientação* e *tipo de motivador*. Este modelo teórico é consistente com os dados obtidos (Φ de Tucker = 0,93).

DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo foi adaptar a versão infantil do *Questionário dos Valores Básicos (QVB-I)*, testando as hipóteses de conteúdo e estrutura derivadas da *teoria funcionalista dos valores* (Gouveia et al., 2008, 2009). Especificamente, pretendeu-se reunir evidências de validade de construto (estrutura fatorial, organização espacial e consistência interna) deste instrumento. Confia-se que este objetivo tenha sido alcançado. Neste sentido, contou-se com um tamanho de amostra que favoreceu as análises confirmatórias realizadas com os dados produzidos com este instrumento (Watkins, 1989). Em termos dos resultados principais, discutem-se a seguir os principais achados.

Segundo Gouveia e seus colaboradores (2003; Gouveia et al., 2008, 2009, 2010), os valores são organizados de acordo com duas dimensões funcionais: *tipo de orientação* (pessoal, central ou social) e *tipo de motivador* (materialista ou idealista), cuja combinação origina seis subfunções valorativas, cada uma representada por três valores específicos, que no presente estudo foram: *experimentação* (emoção, estimulação e prazer), *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade, saúde e sobrevivência), *suprapessoal* (artes, conhecimento e igualdade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição). Este marco teórico é representado por duas hipóteses principais: *conteúdo* (os valores específicos se agrupam nas seis subfunções, estrutura que é mais adequada do que modelos alternativos) e *estrutura* (os valores centrais se localizam entre os pessoais e sociais, que aparecem em lados opostos; e os valores materialistas e idealistas ocupam posições diferentes no espaço). Estas hipóteses foram corroboradas com o *QVB-I*, atestando também sua adequação psicométrica.

A dimensão *tipo de orientação* parece refletir a tipologia de Schwartz (2005), que classifica os valores como individualistas (pessoais), coletivistas (sociais) ou mistos (centrais). Não obstante, há que ressaltar que não se trata unicamente de mudança de etiquetas; os valores centrais não são mistos, pois não expressam múltiplas ideias, como universalismo e segurança

(Schwartz e Boehnke, 2004). A subfunção *existência* acentua uma dimensão valorativa que expressa as condições ou necessidades mais básicas, enquanto *suprapessoal* representa as necessidade mais elevadas. Estas duas subfunções compreendem a espinha dorsal da estrutura dos valores, sendo coerente com todos os demais.

A dimensão *tipo de motivador* é próxima àquela proposta por Inglehart (1991), que procura representar necessidades básicas e superiores em termos de valores materialistas e pós-materialistas, respectivamente. Contudo, diferentemente deste modelo, os valores materialistas e idealistas na presente abordagem não são pólos de uma mesma dimensão, mas dimensões específicas, nem são um construto cultural. Gouveia (2003) deixa claro que os valores são individuais, pessoais; apesar de se falar em valores culturais, estes são, de fato, valores de pessoas concretas.

É importante observar que alguns indicadores de ajuste estiveram abaixo do que é sugerido na literatura. Por exemplo, o *CFI* não alcançou o 0,90 esperado (Byrne, 2001). Porém, Garson (2003) indica que mesmo um *CFI* abaixo deste valor pode ser admissível em um campo em que se costumam encontrar valores, por exemplo, de 0,70. Ressalta-se, neste âmbito, que a avaliação de ajuste de um modelo precisa ser feita no conjunto. A *RMSEA* e o $\Delta\chi^2$, por exemplo, estiveram dentro dos valores aceitáveis; a *variância média extraída* corroborou igualmente a adequação de cada uma das subfunções (Fornell e Larcker, 1981). Além disso, destaca-se que a estrutura hexafatorial se mostrou bastante adequada quando comparada com modelos alternativos. Entretanto, poder-se-ia especular acerca do modelo original ser menos parcimonioso que o pentafatorial, reunindo as subfunções *existência* e *suprapessoal*. Como anteriormente sugerido, o modelo hexafatorial é sustentado pela teoria e também empiricamente.

A consistência interna das subfunções do *QVB-I* foi avaliada com diferentes indicadores. Os resultados foram iguais ou melhores que aqueles de outros estudos (Andrade, 2002; Lauer-Leite, 2009; Monteiro, 2009). Por exemplo, embora alguns Alfas de Cronbach tenham sido abaixo do 0,70 comumente indicado (Nunnally, 1991), são justificáveis com o fim de pesquisa, estando acima de observados, por exemplo, por Schwartz (2005). Além disso, os índices de homogeneidade foram, em média, superiores a 0,30, que é um valor recomendável (Clark e Watson, 1995). Complementando, calcularam-se os coeficientes compostos de confiabilidade, que se situaram acima de 0,60 (três deles iguais ou superiores a 0,70), valor que tem sido aceito (Fornell e Larcker, 1981).

Em resumo, o *QVB-I* pode ser uma ferramenta importante no momento de conhecer os valores de crianças. Versões preliminares têm sido empregadas no país, revelando ser um instrumento adequado para explicar preferência por desenhos animados (Andrade, 2002), significado do dinheiro (Lauer-Leite, 2009) e preferência por alimentos saudáveis (Monteiro, 2009). O estudo ora apresentado indica a adequação desta medida, elaborada de acordo e corroborando a *teoria funcionalista dos valores* (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2009, 2010). Contudo, muito poderá ainda ser feito, a exemplo de conhecer sua adequação em outros contextos culturais, avaliar sua validade convergente em relação a outras medidas, como a proposta por Döring (2008), e conhecer sua estabilidade temporal (teste-reteste). Estes são desafios que demandarão pesquisas futuras com o *QVB-I*.

REFERÊNCIAS

- Allen, M.W., Ng, S.H. & Wilson, M. (2002). A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behaviour system of consumer choice. *European Journal of Marketing*, 36, 111-135.
- Andrade, M.W.C.L., Camino, C. & Dias, M.G.B.B. (2008). O desenvolvimento de valores humanos dos cinco aos 14 anos de idade: Um estudo exploratório. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42, 19-27.
- Andrade, P.R. (2002). *Correlatos valorativos da preferência por desenhos animados: compreendendo a justificativa da agressão*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Braithwaite, V.A., Makkai, T. & Pittelkow, Y. (1996). Inglehart's materialism-postmaterialism concept: Clarifying the dimensionality debate through Rokeach's model of social values. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 1536-1555.
- Bubeck, M. & Bilsky, W. (2004). Value structure at an early age. *Swiss Journal of Psychology*, 63, 31-41.
- Byrne, B.M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Springer-Verlag.
- Clark, L.A. & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.
- Döring, A.K. (2008). *Assessment of children's values: The development of a picture-based instrument*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade de Münster.
- Döring, A.K. (no prelo). Assessing children's values: An exploratory study. *Journal of Psychoeducational Assessment*.
- Fornell, C. & Larcker, D.F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18, 39-50.
- Garson, G.D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Retirado em: 24 nov. 2004 de <<http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>>.
- Gouveia, V.V. (1998). La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V.V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia* (Natal), 8, 431-444.
- Gouveia, V.V., Fonsêca, P.N., Milfont, T.L. & Fischer, R. (no prelo). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In C.V. Torres & E.R. Neiva (Eds.). *A psicologia social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: ArtMed.
- Gouveia, V.V., Milfont, T.L., Fischer, R. & Santos, W.S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M.L.M. Teixeira (Org.). *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo: Editora Senac.
- Gouveia, V.V., Santos, W.S. & Milfont, T.L. (2009). O uso da estatística na avaliação psicológica: Comentários e considerações práticas. In C.S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica: em homenagem a Jurema Alcides Cunha* (pp. 127-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V.V., Santos, W.S., Milfont, T.L., Fischer, R., Clemente, M. & Espinosa, P. (2010). Teoría funcionalista de los valores humanos en España: Comprobación de las hipótesis de contenido y estructura. *Revista Interamericana de Psicología*, 44, 203-214.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madri: Siglo XXI.
- Inglehart, R. & Baker, W.E. (2000). Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values. *American Sociological Review*, 65, 19-51.
- Knafo, A. (2003). Contexts, relationship quality, and family value socialization: The case of parent-school ideological fit in Israel. *Personal Relationships*, 10, 373-390.
- Knafo, A., Daniel, E. & Khoury-Kassabri, M. (2008). Values as protective factors against violent behavior in Jewish and Arab high schools in Israel. *Child Development*, 79, 652- 667.
- Kohn, M. (1977). *Class and conformity*. Chicago, ILL: University of Chicago Press.
- Lauer-Leite, I. (2009). *Correlatos valorativos do significado do dinheiro para crianças*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Maslow, A.H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Molpcceres, M.A. (1994). *El sistema de valores: Su configuración cultural y su socialización familiar en la adolescencia*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade de Valência, Espanha.
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J.B., Camino, L. & Cruz, L. (2007). Socialização parental e valores: Um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 167-177.
- Moteiro, R.A. (2008). *Adaptação transcultural da medida de valores pessoais para crianças*. Manuscrito não publicado.
- Moteiro, R.A. (2009). *Influência de aspectos psicossociais e situacionais sobre a escolha alimentar infantil*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília.
- Nunnally, J.C. (1991). *Teoria psicométrica*. Trad. E.M. González. México, DF: Trillas. (Original publicado em 1987).
- Porfeli, E.J. (2007). Work values system development during adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 70, 42-60.
- Porto, J.B. (2005). Mensuração de valores no Brasil. In A. Tamayo & J.B. Porto (Eds.). *Valores e comportamento nas organizações* (pp. 96-119). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

- Ros, M. (2006). Valores, atitudes e comportamento: Uma nova visita a um tema clássico. In M. Ros & V.V. Gouveia (Orgs.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 87-114). São Paulo: SENAC.
- Santos, W.S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Schwartz, S.H. (2005). Validade e aplicabilidade da teoria dos valores. In A. Tamayo & J.B. Porto (Eds.). *Valores e comportamentos nas organizações* (pp. 56-95). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schwartz, S.H. & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230-255.
- van de Vijver, F.J.R. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Watkins, D. (1989). The role of confirmatory factor analysis in cross-cultural research. *International Journal of Psychology*, 24, 685-701.
- Welzel, C. & Inglehart, R. (2010). Values, agency, and well-being: A human development model. *Social Indicators Research*, 97, 43-63.

Recebido em: 26/08/2010. Aceito em: 21/10/2010.

Dados dos Autores:

Valdiney Veloso Gouveia – Doutor em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri, Professor da Universidade Federal da Paraíba.

Taciano Lemos Milfont – Doutor em Psicologia Social e Ambiental pela Universidade de Auckland, Professor da Victoria University of Wellington.

Ana Karla Silva Soares – Mestranda em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba.

Palloma Rodrigues de Andrade - Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professora da Universidade Federal da Paraíba.

Iani Lauer Leite – Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará, Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Enviar correspondência para:

Valdiney V. Gouveia
Departamento de Psicologia
Universidade Federal da Paraíba, CCHLA
CEP 58.051-900, João Pessoa, PB, Brasil
E-mail: vvgouveia@gmail.com.